

Processos de tradução de trocadilhos de Alice no país das maravilhas para a libras e a cultura surda

Translation processes of puns in Alice in wonderland into Libras and deaf culture

Procesos de traducción de juegos de palabras de Alicia en el país de las maravillas a la Libras y a la cultura sorda

Thaisy Bentes¹ 

Mariana Pereira Alves² 

Paulo Jeferson Pilar Araújo³ 

Recebido: 16/03/2026

Aprovado: 21/05/2026

Resumo: O presente trabalho consiste na tradução de um trecho da obra "Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll, para a Libras, seguindo a abordagem iniciada por Bentes (2018) e orientada pela perspectiva da tradução cultural e coletiva de Ramos (2010). A pesquisa aborda os desafios de traduzir um capítulo de um clássico da literatura mundial, caracterizado por sua complexidade tradutória, especialmente devido aos elementos considerados intraduzíveis, como trocadilhos e o *nonsense*. A metodologia adotada é qualitativa e descritiva, com foco no processo de tradução, e as análises são apresentadas por meio de comentários sobre a tradução do capítulo nove, "A História da Falsa Tartaruga". A tradução de Ana Maria Machado (1997) para o português e o trabalho de Bentes (2018) sobre a tradução dos trocadilhos foram utilizados como referências basilares. Os resultados da tradução geram uma reflexão sobre as viabilidades da tradução de textos com sistemas de humor para a comunidade surda, sob uma perspectiva cultural. Essa abordagem busca preservar o humor original, adaptando-o à cultura surda e possibilitando a criação de um terreno fértil para futuras traduções visuoliterárias, que considerem as especificidades das modalidades das línguas de sinais e da cultura surda.

Palavras-chave: Tradução Comentada. Humor Surdo. Trocadilhos.

Abstract: This study consists of the translation of an excerpt from the work *Alice's Adventures in Wonderland* by Lewis Carroll into Brazilian Sign Language (Libras), following the approach initiated by Bentes (2018) and guided by the perspective of cultural and collective translation proposed by Ramos (2010). The research addresses the challenges of translating a chapter from a classic of world literature, characterized by its translational complexity, especially due to elements considered untranslatable, such as puns and nonsense. The adopted methodology is qualitative and descriptive, focusing on the translation process, with analyses presented through comments on the translation of chapter nine, "The Mock Turtle's Story." Ana Maria Machado's (1997) translation into Portuguese

¹ Mestra em Estudos da Tradução (unB), docente na UFOPA. E-mail: thaisy.souza@ufopa.edu.br

² Graduada em Letras Libras (UFRR), tradutora e Intérprete de Libras. Discente do PPPGL UFRR. E-mail: mariana14.03@hotmail.com

³ Doutor em Linguística (USP), docente na UFRR, Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Rede em Educação na Amazônia-PGEDA/Polo Boa Vista/UFRR. E-mail: paulo.pilar@ufr.br

and Bentes' (2018) work on translating puns were used as foundational references. The results of the translation lead to a reflection on the viability of translating texts with humor systems for the Deaf community from a cultural perspective. This approach seeks to preserve the original humor, adapting it to Deaf culture, and creating a fertile ground for future visual-literary translations that take into account the specificities of sign language modalities and Deaf culture.

Keywords: Commented Translation. Deaf Humor. Puns.

Resumen: Este estudio consiste en la traducción de un extracto de la obra *Alicia en el País de las Maravillas* de Lewis Carroll a la Lengua de Señas Brasileña (Libras), siguiendo el enfoque iniciado por Bentes (2018) y guiado por la perspectiva de la traducción cultural y colectiva propuesta por Ramos (2010). La investigación aborda los desafíos de traducir un capítulo de un clásico de la literatura mundial, caracterizado por su complejidad traductora, especialmente debido a elementos considerados intraducibles, como los juegos de palabras y el absurdo. La metodología adoptada es cualitativa y descriptiva, con un enfoque en el proceso de traducción, y los análisis se presentan a través de comentarios sobre la traducción del capítulo nueve, "La historia de la falsa tortuga". Se utilizaron como referencias fundamentales la traducción al portugués de Ana Maria Machado (1997) y el trabajo de Bentes (2018) sobre la traducción de juegos de palabras. Los resultados de la traducción llevan a una reflexión sobre la viabilidad de traducir textos con sistemas de humor para la comunidad sorda desde una perspectiva cultural. Este enfoque busca preservar el humor original, adaptándolo a la cultura sorda, y creando un terreno fértil para futuras traducciones visual-literarias que tengan en cuenta las especificidades de las modalidades de las lenguas de señas y la cultura sorda.

Palabras-clave: Traducción Comentada. Humor Sordo. Juegos de Palabras.

1 Introdução⁴

O interesse em traduzir Alice no país das Maravilhas surge de uma inquietação recorrente e bastante evidente nas vivências junto às comunidades surdas, especialmente entre crianças surdas na primeira infância. Como minoria linguística, essas crianças quase não têm acesso à literatura mundial, crescendo sem conhecer personagens icônicos, como a garotinha que persegue um coelho e cai em um buraco aparentemente sem fim. Essa é uma experiência compartilhada por crianças e adultos ao redor do mundo, que deve ser incorporada aos círculos de leitura para e pelas pessoas surdas.

Diante dessa questão, e a partir de mais de duas décadas de aproximação com as comunidades surdas na região Norte do Brasil (onde questões geográficas e escassez de recursos acentuam a falta de acesso à literatura para as pessoas surdas), percebe-se que poucos surdos/as com quem convivemos conhecem essa história considerada ilustre no

⁴ O presente texto é uma versão revisada, ampliada e com novas reflexões decorrentes do trabalho de conclusão de curso do bacharelado em Letras-Libras da UFRR, defendido pela primeira autora e orientado pelos demais autores.

imaginário mundial. *Alice*, uma narrativa infantil será o ponto de partida para observar as (im)possibilidades da tradução literária de uma língua oral para uma língua de sinais, levando em conta os efeitos de modalidade entre as línguas e as questões culturais das comunidades surdas.

Propõe-se, portanto, a retradução de um clássico da literatura mundial, *Alice's Adventures in Wonderland*, de Lewis Carroll, publicado em 1864, na Inglaterra. A metodologia adotada consiste em um estudo de caso com abordagem qualitativa. O processo de tradução segue os princípios da tradução em conjunto e cultural, conforme propostos por Ramos (2020), com base em Ronai (1981). Além disso, adota-se a tradução comentada como procedimento reflexivo e introspectivo do ato tradutório, fundamentando-se nas perspectivas de Zavaglia (2015) e Albres (2020). A tradução de Ana Maria Machado (1997), do inglês para o português, será utilizada como referência para a retradução da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Para o presente texto, o principal objetivo é traduzir os trocadilhos de um capítulo da obra, especificamente o capítulo nove, intitulado "A História da Falsa Tartaruga", que contém grande parte dos jogos de palavras e trocadilhos presentes na obra. No entanto, por questões de espaço, serão apresentados aqui para análise apenas três exemplos. Esses exemplos proporcionam boas reflexões sobre a tradução de elementos cruciais para a compreensão de *Alice*, uma obra repleta de absurdos, lógicas ilógicas e narrativas que, posteriormente, caracterizariam o gênero "nonsense".

Por conseguinte, a estrutura deste trabalho está organizada da seguinte forma: após esta introdução, a primeira seção apresenta a metodologia escolhida para a realização da tradução, bem como a tradução comentada do capítulo escolhido e da tradução de Ramos (2010) e Bentes (2028). Em seguida, é apresentada, comentários sobre o processo de tradução, refletindo sobre a tradução em conjunto na perspectiva cultural realizada pela equipe convidada. Por fim, são expostas as considerações finais.

2 Metodologia

Esta investigação segue a mesma linha teórico-metodológica de pesquisadores-tradutores que enfrentaram o desafio de traduzir *Alice* para Libras nas últimas décadas no Brasil. Em Ramos (2000), identificamos o método de "Tradução em Conjunto" para

designar a metodologia adotada, que consistia em traduzir Alice com a colaboração sujeitos da própria comunidade surda. Tal método foi fundamentado no “método a quatro mãos”, amplamente utilizado por Paulo Rónai (1981) em traduções. Nas palavras de Rónai (1995), por exemplo: para traduzir “um conto japonês, pedir-se-ia a um natural do Japão estabelecido no Brasil que o traduzisse, oralmente ou por escrito, ainda que de forma rudimentar, para o português, e essa versão seria depois submetida a uma revisão cuidadosa, com pretensões artísticas” (Ronai, 1965, p. 95).

Nesse sentido, o caminho metodológico deste trabalho seguiu a premissa de pesquisa qualitativa e com estudo de caso, a tradução comentada (Albres, 2020). Descreve-se e reflete-se, portanto, não somente a tradução em si, mas todo o processo inicial de observações, anotações, análises e explicações feita pela equipe convidada durante a tradução em conjunto do capítulo da Falsa Tartaruga. No que diz respeito à descrição pela tradução comentada, Williams e Chesterman (2002) classificam “tradução comentada e anotada” como um gênero textual. Eles explicam que uma tradução comentada (ou anotada) refere-se a uma forma de tradução em que o tradutor produz uma tradução enquanto comenta sobre o processo. Essa análise crítica abrange os textos fonte e alvo, caracterizando o que se chama de tradução com comentários ou anotada (Zavaglia, 2015, p. 2).

A tradução comentada é para Zavaglia (2015) mais que apenas comentários sobre o processo, é também uma tradução com “função, primeiramente, pedagógica, pela qual o estudante, ao registrar um processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução, sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos’ (Zavaglia, 2015, p. 349).

Com esse arcabouço teórico-metodológico, guiado pelas experiências anteriores e visando uma análise mais aprofundada, adotamos os seguintes passos:

1. Mapeamento e seleção das traduções de *Alice* para o português;
2. Seleção das traduções de *Alice* para a Libras, realizada paralelamente ao primeiro passo;
3. Leitura atenta e reflexiva das traduções para o português e para a Libras, resultando na escolha da tradução de Ana Maria Machado;

4. Convite aos participantes e organização dos materiais para a realização das oficinas de tradução coletiva, seguidas do registro de comentários sobre as estratégias adotadas pelos tradutores.

Um cronograma foi elaborado para orientar cada etapa. Nas etapas 1 e 2, realizou-se uma leitura detalhada das traduções de *Alice* para o português e para a Libras, destacando trocadilhos e terminologias desafiadoras. Durante essas etapas, estudaram-se minuciosamente as traduções de autores como Ana Maria Machado (1997), Edy Lima (2003), Rosaura Eichenberg (2005), Jorge Furtado e Liziane Kugland (2009), Maria Luiza X. de A. Borges (2009), Márcia Ferriotti Meira (2013) e Clélia Regina Ramos (2009), seguindo o método descrito por Bentes (2018). A escolha da tradução de Ana Maria Machado (1997) como base para a retradução para a Libras deveu-se à riqueza dos jogos de palavras presentes em sua obra. Após essa seleção, foi realizada uma leitura detalhada da tradução, acompanhada de anotações, preparação da glosa e do roteiro de gravação, gravação em trechos, edição e avaliação de qualidade com a participação de surdos.

Na quarta etapa, os participantes convidados para compor a equipe de tradução foram selecionados com base em seu "manifesto interesse linguístico" (Rónai, 1981, p. 95). Foram priorizados tradutores e intérpretes de Libras-português com diferentes níveis de formação. Os autores atuaram como sujeitos do processo, desempenhando os papéis de tradutores, observadores e mediadores durante as oficinas de tradução coletiva.

Esta etapa será descrita mais detalhadamente na seção de análise e discussão dos resultados, incluindo comentários sobre a tradução. Antes disso, é necessário abordar aspectos relacionados à literatura, à tradução intermodal e às traduções de *Alice* para a Libras.

3 Literatura e as nuances da tradução intermodal

A escrita literária, desde sua origem, tem, de certa forma, excluído as pessoas surdas de seu alcance. Privadas do acesso à educação, muitas pessoas surdas tiveram sua expressão e vivência cultural negadas. Durante muito tempo, acreditava-se que elas não eram capazes de dominar a leitura e a escrita, tampouco de produzir literatura (Strobel, 2008). Com isso, a literatura surda, embora presente desde a antiguidade, permaneceu não registrada por séculos.

Diversos estudiosos têm se dedicado a reflexões, categorizações e conceituações sobre a literatura surda (Karnopp, 2004; Strobel, 2008; Mourão, 2011), identificando três formas principais dessa produção: criação, adaptação e tradução (Mourão, 2011). Criação em Libras refere-se à produção original desenvolvida diretamente na Libras, sem se basear em obras preexistentes. Exemplos amplamente conhecidos na comunidade surda incluem Tibi e Joca, O Feijãozinho Surdo, Casal Feliz e As Estrelas de Natal. Adaptação, por sua vez, consiste em recontar histórias populares ou clássicas, adaptando-as para a cultura e o contexto surdo. Entre as adaptações destacam-se Cinderela Surda, Rapunzel Surda, A Cigarra Surda e as Formigas e O Patinho Surdo. Tradução é o processo de transpor obras literárias originalmente escritas em outras línguas para a Libras, preservando sua essência e estilo. Exemplos incluem contos clássicos como João e Maria, Peter Pan, Os Três Ursos, Os Três Porquinhos, A Bela Adormecida, Alice para Crianças, Aventuras da Bíblia e O Gato de Botas. Além disso, destacam-se traduções de obras de maior extensão, como Desobedeça, de Maurício Bevenutti, A Volta ao Mundo em 80 Dias, de Júlio Verne, e Bem do Seu Tamanho, de Ana Maria Machado.

Conforme a definição de Morgado (2011), as manifestações literárias surdas abrangem uma ampla variedade de gêneros, incluindo histórias, contos, piadas, fábulas, anedotas, poesias, jogos e caricaturas, evidenciando a riqueza e a diversidade dessa literatura. É nesse contexto que se insere a proposta de tradução do clássico *Alice's Adventures in Wonderland*. Essa obra, repleta de elementos de nonsense, jogos de palavras e trocadilhos, já conta com versões traduzidas para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A tradução literária de gêneros como romances, contos e poemas exige um conhecimento aprofundado das línguas e culturas envolvidas. No entanto, a tradução literária para e entre línguas de sinais ainda enfrenta desafios significativos. Essas dificuldades vão desde questões conceituais até a definição de técnicas apropriadas, que muitas vezes permanecem pouco exploradas (Antunes, 1991).

No âmbito da tradução intermodal, ou seja, entre línguas de diferentes modalidades, adota-se a terminologia proposta por Roman Jakobson, conforme citado por Segala e Quadros (2015). Jakobson distingue três tipos de tradução: intralingual (reformulação dentro da mesma língua), interlingual (interpretação entre línguas diferentes) e intersemiótica (transmutação entre sistemas semióticos distintos). Segala (2010) e Segala e Quadros (2015) propõem ainda um quarto tipo de tradução: a tradução intermodal, que ocorre entre línguas

de diferentes modalidades, como as línguas orais e as línguas de sinais. Essa classificação é ampliada por Rodrigues (2018), que diferencia os processos intermodais (entre línguas de modalidades distintas) e intramodais (entre línguas da mesma modalidade, como duas línguas orais ou duas línguas de sinais).

No campo da tradução intermodal, Segala (2010) identifica estratégias específicas, como o uso de explicitação, a soletração seguida pela introdução do termo em Libras, e o emprego de glosas, gráficos e desenhos como ferramentas intermediárias entre o texto original em português e sua tradução para Libras. Embora a tradução intermodal compartilhe semelhanças com a tradução interlingual, ela apresenta particularidades únicas, incluindo a adaptação da linguagem escrita para a visualidade e a espacialidade características das línguas de sinais. Essas nuances, que revelam a complexidade e a singularidade da tradução entre modalidades linguísticas, serão detalhadas nas seções seguintes.

4 Sobre Alice e suas traduções

Alice no País das Maravilhas, de Charles Lutwidge Dodgson (pseudônimo Lewis Carroll), publicada em 4 de julho de 1865, é uma das obras mais conhecidas do gênero literário nonsense. Durante um passeio de barco pelo rio Tâmesa, Dodgson improvisou a história para entreter as irmãs Liddell. A obra é célebre por sua originalidade e permanece uma referência no universo literário.

A maior parte das aventuras foi baseada e influenciada por pessoas, situações e edifícios de Oxford e da Christ Church. Por exemplo, o Buraco do Coelho (Rabbit Hole) simbolizava as escadas na parte de trás do salão principal da Christ Church. Acredita-se que uma escultura de um grifo e de um coelho presente na Catedral de Ripon, onde o pai de Carroll foi membro, também tenha fornecido inspiração para o conto. Essa história imprevista deu origem, em 26 de novembro de 1864, ao manuscrito de "Alice Debaixo da Terra" (título original: *Alice's Adventures Under Ground*).

Em 4 de julho de 1865, exatamente três anos após a viagem de Dodgson, a história que ele improvisou para Alice Pleasance Liddell foi publicada com o título que conhecemos hoje, contendo ilustrações de John Tenniel. No entanto, a tiragem inicial de dois mil exemplares foi retirada das prateleiras devido a reclamações do ilustrador sobre a qualidade da impressão. A segunda tiragem, datada de 1866, embora impressa em dezembro de 1865, esgotou-se rapidamente, tornando-se um grande sucesso, sendo lida por figuras notáveis como Oscar Wilde e pela rainha Vitória. Durante a vida do autor, o livro alcançou cerca de

180 mil cópias. Foi traduzido para mais de 125 línguas, com mais de 100 edições apenas na língua inglesa, e agora conta com traduções para diversas línguas de sinais.

Uma das primeiras traduções para Libras de Alice foi realizada por Clélia Ramos em 2000. A autora contou com a colaboração de uma tradutora surda, referindo essa experiência como "tradução em conjunto". Mais tarde, em 2006, a tradução foi publicada pela Editora Arara Azul, da qual a autora é editora-chefe⁵. Outra tradução foi feita pelo grupo Signatores para o teatro. O Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas (Projeto ABP⁶) do Ministério da Educação também contribuiu com uma tradução. Além disso, Bentes (2018) realizou uma tradução focada nos trocadilhos do capítulo da Falsa Tartaruga, embora não seja uma tradução completa de Alice.

Dada a escassez bibliográfica sobre a tradução intermodal de trocadilhos entre uma língua oral e uma língua de sinais, os resultados do estudo de Bentes (2018) "compõem um novo quadro sobre as possibilidades de tradução de uma língua falada em sua modalidade escrita para uma língua sinalizada na modalidade oral, nos termos de Segala (2010), enfatizando a particularidade dos ETILS" (Rodrigues, 2015).

Em Bentes (2018), encontramos uma lista de questões pertinentes a serem refletidas quando se pensa na tradução de literatura para surdos/as. Vejamos:

Pouquíssimas pessoas têm se aventurado a traduzir literatura para surdos;
Traduções da libras para o português são ainda mais escassas;
O *YouTube* se estabelece como “vitrine” de apresentações culturais, pessoais e humorísticas dos surdos, espaço de produção, circulação e consumo de cultura;
Os estudos que se dedicam à tradução de humor surdo têm em sua maioria as piadas como foco;
A maioria das traduções foca simplesmente na mensagem geral do texto (quando não adaptadas à cultura surda);
As traduções feitas por surdos são em sua maioria adaptadas à cultura surda;
Não há uma normatização para (a apresentação visual) tradução (vídeo-gravada) desse tipo de produção;
A tradução de humor (para a libras) se restringe em sua maioria a piadas e a algumas historietas infantis de cunho mais cômico;
Omissões de elementos considerados mais “linguísticos” como jogos de palavras, expressões idiomáticas, entre outros, são comuns. (Bentes, 2018, p.66-67).

Tendo esse cenário, descrito por Bentes (2018), como pano de fundo para explorar a tradução comentada de um clássico potencialmente rico e considerado intraduzível em

⁵ As edições de Alice podem ser encontradas em: <https://editora-arara-azul.com.br/>.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eKccjNycYwQ>.

alguns trechos, iniciamos a busca por traduções da obra para a Libras, conforme será apresentado a seguir.

6 A tradução de Alice por Ramos e Bentes

Clélia Regina Ramos (2010) e Thaisy Bentes (2018), em suas dissertações de mestrado, aventuraram-se na tradução de *Alice's*. Cada autora percorreu e explorou caminhos essenciais, cujas abordagens se tornam uma base valiosa para as reflexões e a construção deste trabalho. Ramos (2010) é reconhecida como pioneira no Brasil ao abordar a tradução para Libras com a participação ativa de surdos/as, colocando-os como participantes ativos do processo. Isso foi especialmente relevante em um período em que os estudos sobre a tradução bimodal português-Libras ainda estavam em desenvolvimento, e metodologias específicas eram escassas. A abordagem por ela utilizada pôde abrir caminhos para reflexões mais aprofundadas sobre as particularidades da tradução entre línguas de diferentes modalidades.

Bentes (2018), por sua vez, centrou-se na tradução de trocadilhos e jogos de palavras da mesma obra, *Alice*, oferecendo exemplos concretos que ilustram os desafios e as soluções criativas possíveis nesse tipo de tradução. O foco dado pela autora contribuiu significativamente para a compreensão de aspectos linguísticos e culturais que demandam maior sensibilidade no processo tradutório.

A análise desses trabalhos oferece uma base mais robusta para as decisões tomadas na oficina de tradução descrita, ao conectar teoria e prática e reafirmar a importância de considerar experiências anteriores para o aprimoramento de metodologias contemporâneas. No entanto, como o foco de Bentes (2018) converge diretamente com o deste estudo, sua obra será destacada como principal referência para as exemplificações, conforme apresentado no quadro a seguir. Além disso, Ramos (2010) omite quase todos os jogos de palavras ou faz uma tradução literal, perdendo o humor e a ilógica do nonsense.

Quadro 1- tradução de Bentes (2018) para os ramos da aritmética.

Carroll, 1866	Uchôa, 1990	Bentes, 2018
I couldn't afford to learn it", said the Mock Turtle with a sigh. "I only took the regular course." "What was that?" enquired Alice.	Eu não tinha recursos para pagar aulas extras – disse a Falsa Tartaruga com um suspiro. – Contentava-me com os cursos regulares. - E quais eram? - inquiriu Alice.	Eu não tinha recursos para pagar aulas extras – disse a Falsa Tartaruga com um suspiro – contentava-me com cursos regulares. - E quais eram? – Inqueriu Alice.

“Reeling and Writhing, of course, to begin with,” the Mock Turtle replied: “and then the different branches of Arithmetic Ambition, Distraction, Uglification, and Derision.	- As Belas Tretas e o bom Estrilo, pra começar, é claro – replicou a Falsa Tartaruga – e depois os diferentes ramos da Aritmética: Ambição, Distração, Murchificação e Derrisão.	ORALISMO e COMUNICAÇÃO TOTAL pra começar. É claro, e depois os diferentes ramos da ORALIMÉTICA: ESTICAÇÃO, EMBROMAÇÃO, DIMINUIÇÃO e COLAÇÃO.
		

Fonte: adaptado de Bentes (2018).

Sobre os trocadilhos do quadro, a autora explica que alguns sinadilhos⁷ traduzidos para a Libras adquiriram sentidos específicos e humorísticos. Por exemplo, o sinal de "ESTICAÇÃO" remete ao Oralismo, ilustrando os métodos absurdos de obrigar surdos a repetir palavras inúmeras vezes. Já "DIMINUIÇÃO" é associado à ideia de inferioridade, frequentemente usado para zombar de alguém considerado menos capaz. O sinadilho "COLAÇÃO" combina os sinais de "COLA" (objeto) e "CURIOSIDADE", criando um trocadilho com o ato de "colar matéria" na escola. Por fim, "EMBROMAÇÃO" faz referência ao Oralismo e é usado para descrever alguém que fala muito ou diz coisas sem sentido, também expressando desinteresse no discurso alheio (Bentes, 2018).

Segundo Bentes (2018), a tradução em conjunto seguiu a mesma abordagem adotada por Ramos (2000), ao considerar o contexto cultural da comunidade surda de forma natural. Isso significa que as idealizações refletiam a história da educação sob a perspectiva dos próprios surdos, com base em suas experiências pessoais. Nesse contexto, o cenário da "escola do mar" foi associado ao modelo de escola inclusiva atual, utilizando a ironia para criticar as tentativas de ensino que falham em garantir uma aprendizagem efetiva por não incorporarem as línguas de sinais no processo, conforme detalhado por Bentes (2018):

As disciplinas são em português ou português sinalizado. A língua oral é imposta e obrigatória. A professora, por exemplo, uma “velha tartaruga” ou a TATATARTARUGA, é comparada a todos os professores que pensam que ensinando o conteúdo curricular do mesmo modo que é feito para os ouvintes (pela oralidade) estão fazendo “inclusão” e acreditam que desse modo há aprendizagem.

⁷ Usaremos a terminologia criada por Bentes (2018) para distinguir um trocadilho em Língua de Sinais das Línguas Orais.

Tudo é oralização na escola “in(ex)clusiva”. A crítica realizada ao modelo de escola inclusiva foi aderida por todos os colaboradores, alunos, TILS, etc., compartilhando a mesma perspectiva evocada pelos surdos concordando desse modo com a trajetória educacional dos surdos (Bentes, 2018, p. 119).

Com os esforços empreendidos pela autora, listamos no Quadro abaixo todos os trocadilhos traduzidos e adaptados a cultura surda local (a mesma deste trabalho, região Norte do Brasil).

Quadro 2 - Trocadilhos traduzidos por Bentes (2018).

Trocadilhos em Uchoa (1980)	Sinadilhos em Bentes (2018)
Escola no mar	IN(EX)CLUSIVA
Torturuga	TATATARTARUGA
Francês	PORTUGUÊS
Música	MÚSICA
Lavagem	NADA A VER / CHATICE(CHATO) / CORTAGEM
Belas tretas	COMUNICAÇÃO TOTAL
Bom estrilo	ORALISMO
Ambição	ESTICAÇÃO
Distração	DIMINUIÇÃO
Murchificação	COLAÇÃO
Derrisão	EMBROMAÇÃO
Estudos histéricos	ORALISTÓRIA
Desgrenhar	AEEÍSMO
Mestre-desgrenhista	MESTRE-AEISTA
Marografia	ORALARTES, ORAL(FIL)OSOFIA, ORALISTÓRIA E ORALITUDO
Espichar em taramela	PORTUGUÊS-SINALIZADO
Pantim	INGLÊS
Gaguejo	ESPANHOL
Cursos	CURSÃOZINHO

Fonte: Os autores, com base em Uchoa (1980) e Bentes (2018).

Como apresenta o quadro acima, pode-se observar a tradução que os sinadilhos foram criados adaptando ao contexto da educação de surdos. Do capítulo aqui selecionado, Bentes traduziu boa parte, ficando alguns mais extenso sem tradução. Para a nossa tradução, utilizamos esses trocadilhos acima listados. Portanto, este trabalho, como já mencionado, teve origem no trabalho de Bentes (2018), que traduziu os trocadilhos do capítulo nove de "Alice", mas deixaram-se alguns de fora. Para dar continuidade à tradução desses elementos, considerando que ainda restavam trocadilhos a serem traduzidos para a Libras, jogos de palavras e paródias encontradas no capítulo nove.

7 O processo de tradução dos sinadilhos

Conforme mencionado na metodologia, as oficinas de tradução em conjunto ocorreram em dois encontros presenciais nos espaços da UFRR, com a participação de surdos e Tradutores Intérpretes de Libras (TILS). No primeiro encontro, participaram seis surdos, seis TILS e três alunos do curso Letras Libras da UFRR. O objetivo inicial foi familiarizar os participantes com a obra *Alice*, apresentando as traduções de Ramos (2000), publicado em vídeo pela Editora Arara Azul e do Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas (ABP). Foi sugerido que cada participante lesse em casa o livro *Alice* e a dissertação de Bentes (2018). Após esse primeiro encontro, e, com a concordância de todos, agendou-se o segundo encontro.

Antes do segundo encontro, buscamos compreender a realidade dos colaboradores por meio de conversa informal. A maioria da equipe, composta por 15 pessoas são servidores da UFRR, TILS e estudantes de Tradução e interpretação e surdos. Todos são frequentemente convidados para diversas atividades institucionais relacionadas a pesquisa em Tradução e tinham idades entre 20 e 50 anos.

No segundo encontro, a quantidade de participantes diminuiu, com a presença de três surdos, três TILS e um aluno do Letras Libras. Um dos surdos já havia participado das oficinas de Bentes (2018), o que facilitou a tomada de decisão durante o processo, pois ele tinha conhecimento prévio da obra e do processo de tradução em conjunto, auxiliando os outros participantes em cada trecho de *Alice*.

Abaixo, no Quadro 3 recortamos os três trocadilhos traduzidos na oficina e que servirão para a exemplificação e análise neste trabalho:

Quadro 3 – Trocadilhos traduzidos para a Libras

Tradução de Machado (1997)	Tradução para a Libras
Cuide do sentido que os sons cuidam de si sozinhos	Sem tradução para o português
Quanto mais mina, menos fumina	Quanto mais sinaliza menos oraliza
Seja o que você parece ser	Sem tradução para o português

Fonte: os autores

Após, conhecer todos os sinadilhos traduzidos por Bentes (2018), listados no Quadro 2, a equipe de tradução, decidiu começar selecionando dentro do léxico da Libras sinais que se aproximavam aos sentidos do primeiro sinadilho a ser traduzido: Cuide do sentido que os

sons cuidam de si sozinhos. As primeiras sugestões da equipe foram partir da descrição imagética (Campello, 2008) tentando descrever visualmente o sentido imbricado no trocadilho, como mostra o Quadro abaixo.

Quadro 4 – Trocadilhos traduzidos para a Libras

Tradução de Machado (1997)	Tradução para a Libras
Cuide do sentido que os sons cuidam de si sozinhos	Quanto mais sinaliza menos oraliza
	

Traduzir trocadilhos de Alice representou uma tarefa desafiadora, pois requereu que os participantes compreendessem o conceito de trocadilho e consigam transmutá-lo para a Libras, o que demandou um esforço considerável, anunciado constantemente pela equipe. Embora essa fase das oficinas conjuntas tenha sido desgastante, foi também extremamente produtiva. Além disso, percebemos, ao longo do processo de tradução, que traduzir uma obra literária é desafiador devido aos seus elementos linguísticos complexos. Buscando preservar a riqueza do original, optamos por incluir os trocadilhos de Bentes (2018), bem como aqueles traduzidos durante a oficina de tradução conjunta com surdos, conforme relatado anteriormente.

Quadro 5 - Trecho comparativo

Tradução de Machado (1997)	Tradução para a Libras
Claro que é – disse a Duquesa, que pelo jeito estava querendo concordar com tudo o que Alice dissesse. – Até existe	DUQUESA RESPONDER SIM TAMBEM ACHO SEMPRE ACEITAR ALICE FALAR

uma grande mina de mostarda aqui perto. E a moral disso é: Quanto mais mina, menos fulmina.	SURDO OUVINTES FALAR/PAPEAR MORAL (TROCADILHO) QUANTO MAIS SINALIZA MENOS ORALIZA
	

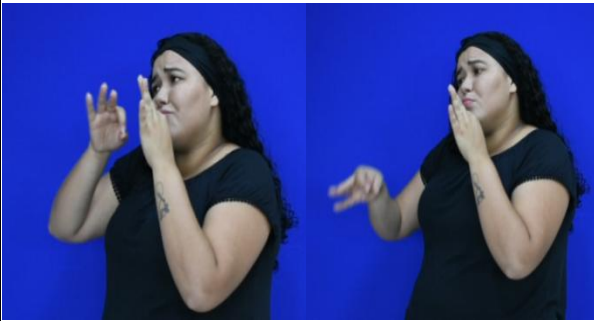
Esse trecho apresentou desafios significativos durante a tradução em conjunto, especialmente na criação de uma imagem visual que pudesse transmitir a ideia de total falta de sentido, mantendo o contexto do sinadilho. O trocadilho “quanto mais mina, menos fulmina” foi adaptado para a Libras, com uma possível transcrição para o português: “Quanto menos oraliza, mais sinaliza”. Essa tradução, como aponta Santiago (2013, p. 76), com base em Barbosa (2004), passou por um processo de adaptação cultural. Nesse caso, a adaptação remete a fatores próprios do cotidiano e da cultura surda, destacando o corpo e as mãos em oposição à oralidade predominante entre os ouvintes, bem como à dicotomia entre fala e sinalização, que não existe na realidade extralinguística dos falantes ouvintes.

Além disso, a modulação pode ser identificada na decisão de tradução, uma vez que o trocadilho foi completamente substituído por uma expressão que não possui uma equivalência direta em línguas de sinais. A ideia de “oralizar menos e sinalizar mais” remete ao contexto escolar dos surdos, evocando automaticamente o período do oralismo e os métodos de ensino daquela época. Esse contexto reforça o impacto cultural e histórico da tradução, conectando-a à vivência dos surdos e ao discurso crítico sobre práticas educacionais passadas.

No segundo recorte, temos um trecho de adaptação.

Quadro 6 - Trecho comparativo "Seja o que você parece ser"

Tradução de Machado (1997)	Tradução para a Libras
Duquesa: E a moral disso é: Seja o que você parece ser.	DUQUESA: PENSAR IGUAL
Ou, se preferir, em outras palavras, de modo mais simples: Nunca imagine não ser diferente do que você poderia parecer aos outros que você é ou	MORAL (TROCADILHO) SEJA O QUE VOCÊ PARECE SER, MELHOR BLABLABLAMENTO-POUCO

poderia ser se não fosse diferente do que o que você tinha sido teria parecido a eles ser de outra maneira.	
	

No trecho acima, opta igualmente pela adaptação, pois a equipe interpretou o trocadilho como uma maneira de "encher linguiça" e decidimos criar um trocadilho a partir do original, de forma mais simples: "BLABLAMENTO-POUCO". Esse sinal, escolhido de forma quase natural, surgiu durante a oficina de tradução conjunta, quando a leitura desse trecho gerou humor entre os participantes surdos, que o interpretaram como uma maneira divertida de enrolação.

Conforme mencionado por Bentes (2018), traduzir Alice não se resume apenas a transformar palavras em sinais. Pode ser encarado como uma forma, talvez (des)pretensiosa, de transformar palavras inertes em expressões visuais, sinalizadas pelo corpo, representando uma cultura diferente e minoritária. Isso vai além, envolvendo a desconstrução de mitos relacionados à Libras e à comunidade surda. Considerando as duas línguas de modalidades diferentes, a tarefa de tradução se torna mais desafiadora. Utilizamos os procedimentos de tradução citados por Melo (2018), e os elementos linguísticos traduzidos aqui foram um grande desafio, especialmente por se tratar de uma obra literária, o que exigiu a superação de muitos mitos existentes.

A maior dificuldade encontrada foi nomear e situar os personagens. Melo (2018), em seu trabalho sobre a tradução comentada da história do Chapeuzinho Vermelho, propôs algumas questões norteadoras sobre o processo de tradução. A partir das experiências deste projeto, elaboramos as seguintes respostas aos questionamentos surgidos.

O primeiro deles, durante a preparação da glosa: como identificar cada personagem? Optamos por utilizar o nome de cada personagem, introduzindo o sinal por meio da datilologia na primeira vez em que aparece e, nas subsequentes, utilizando diretamente o

senal. Por exemplo, "A-L-I-C-E", sendo utilizado o sinal de "Alice" conforme empregado no projeto ABP.

O texto apresenta uma abundância de intensificadores, o que levanta a questão de como sinalizá-los sem que a tradução pareça um "português sinalizado". A marcação de intensificadores, como diminutivos e aumentativos, precisava ser adaptada para evitar uma transposição literal do português. Uma solução proposta foi inserir referências entre parênteses sempre que esses elementos aparecessem. Essas anotações funcionariam como lembretes durante a gravação da tradução, orientando o uso de expressões faciais e movimentos corporais para transmitir a intensidade desejada. Além disso, essa estratégia ajudaria o leitor da glosa a identificar com mais clareza as intenções do texto fonte.

Ao iniciar a tradução de *Alice*, muitas lacunas surgiram. No entanto, por meio da análise e reflexão sobre cada etapa do processo tradutório, tornou-se possível elaborar uma tradução plausível, que incorpora os elementos linguísticos e os jogos de palavras do texto fonte sem suprimi-los, proporcionando ao leitor surdo a experiência do nonsense característico de Carroll.

8 Considerações Finais

A tradução para uma língua de sinais é, sem dúvida, uma tarefa árdua. Neste trabalho, buscamos promover compreensão e reflexão em todas as etapas desenvolvidas. As traduções de Ramos (2000) e Bentes (2018) foram fundamentais para a concretização deste projeto que, embora ainda não esteja finalizado, ou seja, a tradução de *Alice* em sua totalidade, com foco nos trocadilhos, revelou-se mais do que um método de tradução: constituiu-se como um processo de construção de conhecimento e de aprendizagem coletiva. Nesse percurso, destaca-se a cumplicidade construída durante as oficinas, que uniu dois olhares em uma mesma direção, envolvendo surdos e ouvintes que trouxeram perspectivas distintas sobre o mesmo objeto, com o objetivo comum de compreender não apenas os enigmas da obra, mas também os das línguas.

Considerando as diferentes modalidades, percebe-se que traduzir e interpretar entre línguas bimodais traz implicações significativas para a operacionalização da tradução. Os efeitos da modalidade impactam não apenas o texto-alvo, mas também a forma como ele é apresentada (Araújo, 2016). A tradução exige a consideração das diferenças culturais entre

as línguas envolvidas, incorporando todo o contexto histórico e cultural, o que é fundamental para examinar as implicações do texto literário ao ser traduzido para uma língua de sinais, destacando as diferenças em relação a outras modalidades de tradução.

É notável perceber que a literatura traduzida e as adaptações para a Libras têm recebido maior atenção e investimento nos estudos acadêmicos nas últimas décadas. Isso sugere que a literatura adaptada busca expressar a identidade surda e o empoderamento por meio da língua de sinais, introduzindo modificações ou substituições relacionadas a aspectos culturais e linguísticos voltados para as comunidades surdas. Trabalhos como os de Bentes (2018) e Santos (2022) exemplificam como a tradução para a Libras se concentra na adaptação à cultura da língua-alvo, que, neste caso, é a cultura surda.

Portanto, acredita-se que uma das principais contribuições deste trabalho é a reflexão de que mesmo textos de difícil compreensão pode ser traduzidos para a língua de sinais, proporcionando acesso à obra literária para toda a comunidade surda e para aqueles interessados em traduzir e pesquisar outras obras literárias. Através dessa pesquisa, reafirma-se a importância da tradução como um meio de inclusão e enriquecimento cultural, ampliando as fronteiras do conhecimento literário e promovendo um diálogo mais inclusivo entre diferentes comunidades.

4 Referências

ALBRES, Neiva Aquino. Tradução comentada de/para línguas de sinais: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. *Revista Linguística*, 2020.

ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. (Un)punslatable *Alice in Signland*: Wordplays in Brazilian Sign Language (Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS). In: KNOSPE, S.; ONYSKO, A.; GOTH, M. (orgs.). *Crossing languages to play with words: multidisciplinary perspectives*. Berlim: de Gruyter, 2016. DOI: [10.1515/9783110465600-016](https://doi.org/10.1515/9783110465600-016)

ARAÚJO, P. J. P. Uma linguística de línguas orais e sinalizadas. *Revista Letras Raras*, v. 5, p. 49-59, 2016. DOI: <https://dx.doi.org/10.35572/rlr.v5i1.580>

CARROLL, L. *Alice's Adventures in Wonderland*. London: Macmillan, 1866.

CARROLL, L. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Traduzido por Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1980.

CARROLL, L. *Alice no país das maravilhas*. Traduzido por Ana Maria Machado. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas*. Traduzido por Clélia Regina Ramos, Marlene Pereira do Padro e Wanda Quintanilha Lamarrão. Coleção Clássicos da Literatura em LIBRAS/Português. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2002.

BENTES, Thaisy. *A tradução de trocadilhos em Alice no país das maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2018, 146f. Dissertação de mestrado.

KARNOPP, L. B.; SILVEIRA, C. H. *Humor na literatura surda*. Educar em Revista, Curitiba, n. 2/14, p. 93-109, 2014. Edição especial.

MELO V. S. M. *Tradução Comentada para Libras da História Infantil Chapeuzinho Vermelho segundo Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda*. São Luis. 2018
MONTEIRO, M. S. (2006). *História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil*. ETD – Educação Temática Digital, 7(2), 295-305.

QUADROS, R. M.; KARNOPP. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

RODRIGUES, C. H. *A interpretação simultânea entre línguas e modalidades*. Veredas Atemática, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 266-286, 2013.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. *Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?* Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 17-45, jul-dez, 2015.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. *Português e Libras em Diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido*. In: ALBRES, N. de A.; SANTIAGO, V. de A. A. *Libras em estudo: Tradução e interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012.

SEGALA, R. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (Mestrado em Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STROBEL, Karin. *Surdos: vestígios não registrados na história*. 2008. 176f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Estudo em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. *The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. *A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção*. Aletria, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 331-352, 2015.